

## **Ciência, medicina e arte**

Anna Zeligowski nasceu na Polônia em 1952 e emigrou para Israel em 1957. Estudou medicina na Itália, onde construiu sua vida familiar e profissional como médica e artista.

Muitos de meus desenhos descrevem minha vida intelectual e profissional, que está profundamente integrada à minha vida pessoal. Como médica, tento dar forma e significado às feridas e dores de mulheres e homens, ter empatia por eles como companheiros de humanidade e cuidar deles. Além disso, procuro observá-los com um olhar clínico que tem prazer no delineamento das partes anatômicas do corpo humano e no estudo dos seus mecanismos. Desenho pessoas que lidam com a doença de modos diferentes. Alguns a acompanham, alguns são acompanhados por ela. Alguns a combatem, e outros culpam os que estão ao redor por seu infortúnio. A mulher enferma que desenhei em “Doenças das mulheres” teve câncer de mama e passou por uma mastectomia, mas continua viva e sua parte saudável encontra conforto na investigação do universo cheio de estrelas.

Os animais são parte da nossa vida e habitam muitas das minhas figuras. Somos parte do mundo vivente, o mundo dos animais e das plantas, e nossa continuidade, nossa posição na grande teia da vida, faz parte do meu fascínio pela biologia evolutiva e pelos cientistas que a estudaram. Charles Darwin, Gregor Mendel e Barbara McClintock não são meros nomes para mim, mas seres humanos como eu, cujas vidas e trabalho quero entender: o Darwin aos 23 anos de idade, em sua viagem a Galápagos, entre os atobás-de-patas-azuis e as tartarugas gigantes; o Darwin mais velho, obcecado por sua grande teoria, exercitando implacavelmente a sua mente; Gregor Mendel, abade do mosteiro de Brno, descobridor das leis da hereditariedade, com as suas ervilhas e fúcsias, e a névoa de tristeza no seu coração bondoso; e Barbara McClintock, cujas sensações e consciência do organismo a levaram à descoberta das danças dos genes nas plantas do milho. Todos estudaram o mundo vivente e o abriram para nós. Sou grata a eles. E sou grata às minhas

irmãs, as mulheres cientistas, que há cem anos realizam pesquisas contra todas as probabilidades, tornando a vida na ciência possível e natural para nós outras.

À minha prática como médica e ao amor pela ciência, devo acrescentar as interações com colegas. Faço parte de uma comunidade de médicos que têm sua própria linguagem. Em conferências, enquanto ouço palestras, observo os colegas interagindo e os desenho. Estou incluída, mas também sou uma observadora deste mundo. E me preocupo. Médicos trocam informações pela internet, muitas vezes não conhecem os colegas que consultam e, às vezes, mal conhecem os pacientes. Em breve, talvez nos esqueceremos de ler a linguagem corporal dos doentes e os sinais profundamente pessoais por eles enviados. Devemos nutrir nossa vida social e afirmar a nossa continuidade com o resto do mundo vivente. A conexão entre ciência, medicina e arte é uma afirmação dessa esperança.